

A SOCIOLOGIA NO ENSINO TÉCNICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lívia Oliveira Lopes¹

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de uma etnografia feita durante o meu primeiro estágio de observação, com o intuito de investigar e analisar a teia das relações sociais e culturais de uma Escola Técnica Estadual na cidade do Recife, especificamente como as relações se comportavam relativo ao ensino de sociologia, se davam ou não a sua devida importância. Além de alargar as relações com a prática docente. Assim, buscou analisar a postura da gestão da escola em relação ao lugar das humanidades no ensino técnico, para, assim, analisar se a instituição funciona em consonância com o que se propõe em seu Projeto Político Pedagógico. Dessa forma, o objetivo principal foi compreender como a gestão da escola se comporta diante de um cenário de desvalorização das Ciências Humanas no Brasil, mas principalmente a Sociologia. A justificativa deste trabalho nasce da necessidade de unir a teoria com prática, analisando a realidade da disciplina da sociologia nas escolas, a importância que lhe é aferida, principalmente pela gestão da escola, como a gestão se porta diante do atual cenário de desafeição com as Ciências Sociais no Brasil, e que, consequentemente, influencia toda a comunidade escolar sobre sua visão da sociologia.

Palavras-chave: Sociologia, Ensino Técnico, Humanidades, Gestão.

INTRODUÇÃO

Essa Escola Técnica Estadual possui um Projeto Político Pedagógico de 2023, e foi um documento muito fácil de conseguir, a secretaria disponibilizou sem problema algum. De acordo com o PPP vigente, ele foi construído com alguns membros da comunidade escolar, mas não fala especificamente quem foram esses membros, se foram apenas docentes ou os pais dos alunos também participaram dessa construção. Por motivos de confidencialidade, o presente estudo opta por não expor o nome da escola, nem o nome de nenhum de seus funcionários ou estudantes. Assim, para evitar prejuízo aos envolvidos, durante todo o texto a escola será referida como “Escola Técnica Estadual” ou apenas “ETE”.

De acordo com o Projeto político pedagógico apresentado, a escola adota um caráter progressista, o que é um fato que pude comprovar durante as minhas

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Email: livia.lol@ufpe.br



observações. A escola adota as pedagogias histórico crítica e crítico social, apesar de serem dois tipos de pedagogias diferentes, ambas são progressistas e se complementam.

De forma geral, o Projeto político pedagógico dessa ETE é bastante completo e o último foi feito em 2023, durante a atual gestão. Os objetivos propostos no PPP parecem funcionar bem na prática, como valorizar a cultura local, propiciar situações didáticas que oportunizem o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, valorizar o direito de cidadania dos grupos e dos povos como condição de efetivo fortalecimento da democracia e de respeito às desigualdades, proporcionar aos/as estudantes o desenvolvimento de aptidões para a construção de uma sociedade mais justa, dentre outros. É bom lembrar que, o que foi observado para essa pesquisa foram as relações socioculturais dos alunos com a estrutura escolar, as aulas de filosofia e sociologia e a organização administrativa, é com base nisso que falo, de acordo com as minhas observações, o que é cumprido ou não.

Nesse sentido, partindo do princípio de que a sociologia, além de fazer o indivíduo enxergar a sua realidade de modo mais analítico, o ajuda a desenvolver melhor seu senso crítico e buscar mudanças reais para o seu convívio. Apesar da tamanha importância da disciplina, ela voltou para o currículo de Pernambuco apenas em 2025, os alunos que entraram esse ano no primeiro ano do ensino médio, não tiveram tanta perda, mas os que se encontram no segundo ano, a realidade é completamente outra, eles possuem muita dificuldade no básico. Portanto, o intuito deste trabalho foi investigar se, dentre todos os problemas e ataques que a disciplina vem sofrendo, a gestão busca facilitar e incentivar os alunos na valorização da Sociologia, e das ciências humanas, como elementos centrais para a formação cidadã.

A escola possui três valores base, são eles: ética, solidariedade e respeito. De acordo com Ilma Passos Veiga “A reorganização da escola deverá ser buscada de dentro para fora. O fulcro para a realização dessa tarefa será o empenho coletivo na construção de um projeto político-pedagógico e isso implica fazer rupturas com o existente para avançar” , apesar de que no PPP dessa ETE mostrar sua face completamente progressista, o que eu pude perceber dentro escola da foi uma grande desvalorização das Ciências Sociais, mesmo a escola se dizendo aberta para essas rupturas e progressos, mudanças de dentro e fora, como aponta Veiga (2002). Algo muito problemático e revoltante aconteceu nas últimas semanas em que estive na escola.



Se as práticas de organização da escola, também são práticas educativas, ou seja, não se educa apenas na sala de aula, mas atitudes da gestão também o fazem (Libâneo, 2015), o que foi passado pela gestão da escola aceitando esse tipo de atitude dos professores que desvalorizam as Ciências Humanas é que há uma clara hierarquização de entre os saberes de exatas e humanas dentro dessa ETE.

A ETE fica localizada na zona norte do Recife, um bairro de classe média alta, mas a maior parte dos alunos não estão inseridos nessa mesma camada financeira. Nessa ETE encontram-se alunos de todos os lugares do Recife, a menor parte deles mora próximo a escola, portanto a relação com a comunidade e com a família dos alunos é diretamente afetada. Em conversas informais com alguns professores, pude escutar que a família só aparece caso haja algum problema com o aluno e no começo do ano, parte deles também aparece quando há alguma apresentação, mas esses são a menor parte, considerando que as famílias dos alunos compõem a classe proletária, fica difícil eles irem à escola com mais frequência e participar melhor das programações da escola.



Consequentemente, também não observei a gestão procurando incluir essa parte da comunidade escolar nas decisões relacionadas à escola. Quem participa ativamente, além da gestão, são os coordenadores e o corpo docente.

METODOLOGIA

A pesquisa teve dois momentos em relação à metodologia, os instrumentos de coleta de dados e a análise de dados. Primeiro, iniciando-se com uma análise bibliográfica, que foi fornecida como base para a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências Sociais 1, é necessário a apropriação do tema em primeira mão, isso envolve a leitura de livros, teses, dissertações, periódicos, revistas e jornais. Tendo como objetivo o embasamento teórico do objeto para ser possível fazer um reconhecimento denso na etapa de análise de dados.

Além disso, buscou-se etnografar os espaços escolares, utilizando um diário de campo, buscando aprofundar a percepção das relações sociais e culturais que permeiam o ambiente desta Escola Técnica Estadual. O diário de campo é uma técnica de descrição sistemática da realidade que se propõe a observar. Neste trabalho, serviu de apoio e deu respaldo a revisão bibliográfica, além disso, foi muito útil por ser um instrumento de fácil acesso, caderno e caneta, já que o campo foi a escola, e dentro das salas de aula não é possível estar sempre com o celular na mão. Desse modo, foi possível carregar para todos os lugares e, segundo Cachado (2021) “o instrumento é tipicamente descritivo, com pormenores reflexivos, tanto metodológicos quanto teóricos, e inclui idealmente o todo observado”.

Segundo, um momento de análise de dados, onde foram analisados os dados fornecidos pelo Projeto Político Pedagógico e Administração da escola, tudo isso foi explorado juntamente com as informações do diário de campo e da bibliografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho foca em textos de Dayrell, cientista social com doutorado em educação, que estuda juventudes e educação. Dayrell (1999) que aborda a escola como espaço sociocultural, um espaço social, foi muito importante para operacionalizar a bibliografia com a etnografia feita no espaço escolar da ETE.



Bruno Abílio Galvão possui doutorado em ética e filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ele tem experiência na área de filosofia com ênfase em Foucault e Nietzsche, além de possuir prática com o ensino de filosofia. Galvão (2017) está falando sobre a máquina escolar e a manutenção do poder, nesse sentido, a compreensão de que essa desvalorização das ciências humanas não é por acaso, faz parte de um projeto com o intuito de manter uma classe social específica no poder, através da valorização de um ensino mais técnico, onde as disciplinas que fazem o aluno desenvolver seu senso crítico são deixadas de lado.

José Carlos Libâneo, filósofo com doutorado na área de educação, estuda políticas públicas, gestão escolar, teoria da educação, entre outros. Dessa forma, Libâneo (2015) está pensando sobre as atitudes da gestão escolar, sendo operacionalizado para analisar especificamente como essas atitudes influenciam não só os docentes, mas também os alunos da escola, e nesse sentido uma sugestão de que a sociologia não é tão importante quanto as outras disciplinas, mas também a comunidade escolar de modo geral.

Além disso, foi feito o uso do Projeto Político pedagógico da escola, para fazer a devida análise dos alunos, da gestão escolar e do professor de sociologia desta Escola Técnica Estadual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o ano passado, a sociologia não era obrigatória no ensino médio, mas nesse ano as coisas mudaram e ela voltou a ser. Assim, as turmas que saíram mais prejudicadas são aquelas que estão cursando o segundo ano em 2025, já que na divisão curricular deste ano, os assuntos do segundo ano precisam da base do primeiro, mas eles, os alunos do segundo ano, não tiveram. Além desses alunos saírem completamente prejudicados por conta disso, os professores também, já que precisam passar todo o conteúdo.

Nessa Escola Técnica Estadual, o professor de sociologia está dando o conteúdo do primeiro ano e o conteúdo programado para os segundos anos, mas isso é porque ele entende que se não fizer isso, os alunos serão os mais prejudicados, tanto para entender os conteúdos, quanto para os vestibulares. Além disso, outro desafio me causou espanto. Desde o começo do processo desse estágio, percebia-se a sobrecarga do supervisor, a princípio pelo fato dele dar duas matérias (Sociologia e filosofia), além dele sempre estar



resolvendo algum problema. Em uma entrevista feita com ele com o intuito de entender suas demandas enquanto docente de humanas nessa Escola Técnica Estadual, quando lhe foi perguntado sobre como ele enxergava a hierarquização dos saberes (humanas e exatas) na escola, foi respondido que:

“Eu acho que é... porque a nota de matemática, por exemplo, pesa muito mais do que a nota de sociologia, até porque é isso, matemática é uma disciplina que vai ser avaliada nas avaliações estaduais, na própria avaliação do MEC, que é o SAEB, e aí isso é português e matemática, então eles têm um certo privilégio, desde a quantidade de carga horária, parece que a carga horária de matemática agora são quatro ou são cinco aulas, e eu tenho uma, isso porque caiu, acho que era mais, eram seis ou sete aulas, então tipo, um professor de matemática consegue dar conta da carga horária dele inteira só com uma série, tipo, só com o segundo ano, a gente tem um professor de matemática para o primeiro, um para o segundo ano e outro para terceiro, porque a quantidade de aulas para ele é bem maior do que para mim, eu sou professor de todas as turmas de sociologia e todas as turmas de filosofia. Enquanto eu tenho 24 cadernetas pra preencher, ele só tem 4.” (entrevista realizada no dia 14/03/2025)

Essa situação escancara o currículo como um lugar de disputa na prática, já que quem se prejudica são os alunos e os professores da rede pública, mas para quem possui capital suficiente para pagar cursinho, isso não vai ter tanta importância, já que esses continuaram estudando sociologia e tendo todo o suporte que precisarem. De acordo com Miranda, Cardoso e Damasceno (2020):

Por isso, são possíveis diversas formas de pensar a educação, mantendo estilos normatizantes ou optando por orientações de natureza mais políticas, que são em favor e pensando em prol da maioria - os subordinados. Portanto, o currículo é político, pode sofrer politicagem ou fazer política. O ato de selecionar implica uma relação de poder, dá poder à quem seleciona, pode ser feita de forma coletiva ou isolada, quando se dá uma exclusão da maioria e um certo grau de determinismo na formação desta, o currículo ganha o caráter de um mecanismo de controle, uma ferramenta que irá controlar o que será aprendido, como será aprendido e quem irá ser formado. (MIRANDA; CARDOSO; DAMASCENO, 2020, p.14775)

Assim, a probabilidade de um adolescente advindo de escola pública conseguir ocupar a universidade pública cai ainda mais, o que torna a universidade cada vez mais elitista, tendo em vista que a maior parte das pessoas que ocupam esse espaço fazem parte de uma pequena camada da sociedade. A manutenção das relações de poder ocorre, também, através do currículo, dessa forma “a escola é uma máquina cujo funcionamento se dá pelo movimento das engrenagens mediadas por relações de poder disciplinar efetuadas segundo um diagrama” (Galvão, 2017), reafirmando que o currículo é político e faz parte das relações de controle disciplinar da elite. Além disso,



o desenvolvimento da imaginação sociológica (Mills, 1975), por meio das aulas de Sociologia, pode fazer com que esses alunos percebam que toda a recriminação que eles sofrem é um projeto, um problema estrutural, o que desagrada a elite, já que ela vive da exploração dessas pessoas.

Esse foi um dos maiores desafios que pude presenciar em sala de aula, a dificuldade dos alunos para entender o conteúdo de sociologia, além da quantidade massiva de trabalho designada ao professor de sociologia da escola. Já que ele precisa dar um jeito de dar dois anos de sociologia em um ano só, para os alunos que estão no segundo ano em 2025, isso tendo apenas uma aula de cinquenta minutos na semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, concluo que, de modo geral, esta ETE segue a maior parte do que se propõe no seu projeto político pedagógico. Porém, pude observar que parte dos problemas estão relacionados à gestão, como a desvalorização das disciplinas de humanas, algo que, aparentemente, é apoiado pela gestão, já que a mesma não toma nenhuma atitude para reverter a situação, como foi o caso do Mocambo Casa Amarela (MOCA), algo que acaba, implicitamente, reforçando a hierarquização de saberes dentro da própria escola, além de influenciar toda a comunidade escolar para o mesmo. Apesar da grande desvalorização das ciências humanas no ambiente escolar, é muito gratificante ver os alunos que se interessam pela sociologia, e a dá tanta importância como qualquer outra matéria.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu supervisor dos Estágios 1 e 2, o professor de sociologia da escola, que se mostrou tão acolhedor com todos nós. Além disso, gostaria de agradecer a minha professora da cadeira do estágio na faculdade, a professora Mikelly Gomes, que está sempre nos mostrando que a licenciatura vale a pena.

REFERÊNCIAS

BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. DE. **Relação professor/aluno**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, São Roque 1.1, 2010. p. 1-12.



CACHADO, Rita. **Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais.** *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 551-572, mai.-ago. 2021. DOI: 10.1590/2238-38752021v11n2.

CAMPOS, Ducinéa; SILVA, Itamar Mendes da; VALPASSOS, Caroline Falco Fernandes. **A escola como tempo/espaco de resistência e superação das desigualdades: a relação com os territórios.** *Inter-Ação*, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2019.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural.** In: DAYRELL, Juarez (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** – 65º Ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL. **Pesquisa participante.** SP: Cortez Ed., 1986.

GALVÃO, Bruno Abílio. **Foucault, Deleuze e a máquina escolar: a escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis.** *Revista Ideação*, Edição Especial, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Práticas de organização e gestão da escola: objetivos e formas de funcionamento a serviço da aprendizagem de professores e alunos.** Texto organizado para uso dos diretores de escola e coordenadores pedagógicos da rede de ensino da Secretaria Municipal de Educação de Cascavel (PR), 3 fev. 2015.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica;** tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1975.

MIRANDA, Joaquina Ianca dos Santos; CARDOSO, Renan Augusto Moura; DAMASCENO, Alberto Figueredo. **Currículo e cultura: A necessidade de um currículo que vá além dos muros da escola.** *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14771-14786, mar. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** *Revista Poíesis*, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.* 14. ed. Campinas: Papirus, 2002.

